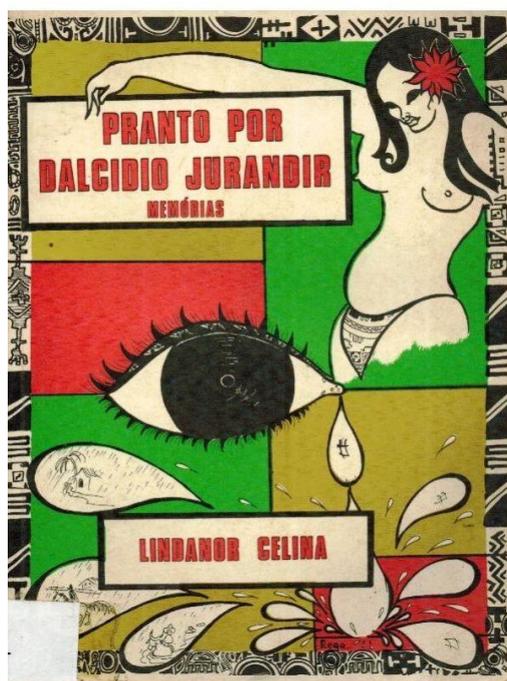


# REVISTA SENTIDOS DA CULTURA



## APRESENTAÇÃO<sup>1</sup>

Esta é mais uma obra da escritora paraense Lindanor Celina, radicada, hoje, em Paris, sem entretanto ter jamais esquecido a sua terra de origem.

Neste Pranto por Dalcídio- num esforço de memória Lindanor procura relatar os anos de permanente convívio familiar com esse homem fascinante e corajoso, amante da verdade e da vida.

---

<sup>1</sup> **Pranto por Dalcídio Jurandir: memórias.** Belém: SECDT, 1983

O livro que se poderia dizer de memória, é escrito entre lágrimas e admiração da autora, que tenta dizer tudo sobre o escritor, sem passar em silêncio nenhum momento, mesmo os mais dolorosos.

Ao lerem este “Pranto...” certamente todos ficarão impregnados da lucidez com que Dal- aqui, tão carinhosamente chamado pela escritora- sempre pautou a sua existência.

LANA<sup>2</sup>

Belém, 08/01/83.

### O PRANTO<sup>3</sup>

Abguar Bastos<sup>4</sup>

Depois de vários romances que lhe dá o privilégio da maior romancista da Amazônia e ao lado dos melhores do Brasil, Lindanor Celina acaba de lançar “Pranto por Dalcídio Jurandir”. A diferença entre a “Cerimônia do Adeus”, de Simone de Beauvoir e o “Pranto”, é que no primeiro houve o retrato de uma intimidade amorosa, que só forneceu quando Sartre se despediu serenamente do mundo. Serenamente porque não foi homem da cobiça ou ambição e, por isto, se a vida lhe bastava, a morte não o amofinava. Com Dalcídio, o relacionamento se manteve ao nível de uma amizade devotadamente fraterna, levando em conta que Dalcídio fora o grande estimulador das artes do romance que Lindanor vem desenvolvendo, com maestria, ao correr dos anos. No “Pranto”, entretanto, ela parece vicejar em estado de grandeza. Há nesse livro de

---

<sup>2</sup> Pseudônimo de Elanir Gomes de Souza. Jornalista, professora do curso de letras da UFPA.

<sup>3</sup> Publicado originalmente em **O Liberal**, 24/07/1983. Recorte do acervo pessoal de Paulo Nunes.

<sup>4</sup> Abguar Bastos (1902 (PA) - 1995 (SP). Foi promotor público, bancário, jornalista e político. Com Eneida, criou um movimento de renovação cultural na Amazônia, como reflexo da Semana de Arte Moderna, e lançou o Manifesto Flaminaçu. Deixou uma obra vasta, composto de quatro romances, uma novela folclórica, sete livros sobre assuntos históricos e literários, dois livros de poesia e um de memória. Pertencia às Academias Paraense, Amazonense e Paraibana de Letras. Recebeu o Prêmio Nacional Juca Pato, em São Paulo, como Intelectual do Ano, em 1987.

reminiscência, não apenas a alma mas a pele da escritora, numa fusão total de sentimentos, atos e fatos que se vão sucedendo ao fluir da pena com a suavidade enlevadora e às vezes pungente de quem se despede de um pássaro amado. Dalcídio foi um profundo introspectivo no sentido de suas afeições, porém com uma tremenda sensibilidade para as coisas do mundo... Para esses acontecidos que guardam material sempre difícil de lidar: o povo, os homens das vidas dilacerantes, com as ilusões cortadas à faca cega, os desesperos rondando o pensamento singelo e as desesperanças alimentando os soçobros. O chão, as gentes, os rios, as árvores, os bichos se entranhando numa só massa de sobrevivência, nas lonjuras mormacentas ou nos espaços sempre luminosos para tornar mais escarlata a visão dos dramas anônimos. Após Chove nos campos de Cachoeira, Dalcídio não cessou de fixar a dura vida nos lugares em que viveu, amou se derreteu na grande transfusão heroica dos que apenas não sabem ver, mas igualmente amar o que na sua amargura tem o mel das mais vigorosas resistências.

Lindamor escreveu sobre o “outro lado” de Dalcídio, dele com seus segredos recônditos, seus amargores, decepções, pobreza, mas, ao mesmo tempo, com a sua bravura de vencer a adversidade e manter incólume, em quaisquer circunstâncias, as suas grandes virtudes pessoais. Sabia ser fraterno, dedicado a seu modo. Trabalhava como um ourives, tecendo, fio a fio, as filigranas de suas obras. Foi-me, ainda muito jovem, apresentado por Wenceslau Costa. Esperava uma conversa longa, um instante de fulguração literária. Assim não foi. Redação de jornal. Gente apressada. Prazer em conhecê-lo. O aperto de mão. E o vazio da inesperada visita. Fixou o momento no artigo “O Iniciado do Falminassu”. Mas acompanhei o roteiro de suas vitórias como romancista, vendo-o “por fora” e vendo portanto em plenitude de cintilação intelectual. Mas Lindamor entrou no rio das piranhas onde Dalcídio se debatia. Teve amizades leais, devotadíssimas, como dona Ruth, a heroína. Como a de Lindamor, a genuflexada diante das ternuras amigas de que ele necessitava.

Os desesperos eventuais e as sangrias no coração do Amigo, foram compensadas pelo fragor de sua inteligência, pelo respeito aos seus talentos e por um trabalho imperecível, que, naturalmente, o Pará se obriga a reeditar em obras completas.

Bravos, Lindamor, por seu esplêndido livro e sua entreciente gratidão ao gênio muitas vezes incompreendido, porém jamais desaparecido dos que lhe admiravam o saber, a altivez, a sobriedade, o guardar, com chama no peito, os segredos de seus sofrimentos.

Se foi grande na obra, foi maior na sua extraordinária humanidade.

[Nota de O Liberal]: Abguar Bastos foi um dos precursores do Modernismo no Pará, e certamente deixou a presidência da União Brasileira de Escritores, sendo substituído pelo professor Fábio Lucas.

## O PRANTO DE LINDANOR<sup>5</sup>

*João de Jesus Paes Loureiro<sup>6</sup>*

*“Mas o meu pranto nunca cessará, nem meus sentidos ais, enquanto eu contemplo os raios trêmulos dos astros cintilantes e esta diurna claridade. Igual ao pássaro que perde os filhos, não pararei de lamentar-me, de fazer ouvir meus gritos lancinantes defronte às portas do palácio de meu pai!”*

*Electra*, in ELECTRA de Sófocles

Ao falar de seu livro, Lindanor Celina, disse-me que não o escreveu como memórias, subtítulo incluído na organização final da obra. E, verdadeiramente, o livro não é de memórias, mas o livre fluir da recordação sob o ciclo lunar da fantasia. Por isso, como tal entenderei seu “*Pranto...*” fixando, sob esse ângulo, alguns aspectos de minha recepção da obra.

*Pranto por Dalcídio Jurandir* – é uma escritura que se desenvolve na atmosfera do desejo. Há, por força disso, intensa feminilidade nessa literatura de Lindanor Celina. O desejo é sempre o prazer arrebatado pelo sonho, e próprio do lado feminino da criação. O desejo não tem a finalidade de um fim. É pura delícia sem caminho, como

---

<sup>5</sup> *O Liberal*, 31 de julho de 1983

<sup>6</sup> Poeta, doutor em Sociologia da Cultura (Sorbonne/ Paris, França, 1994), mestre em Teoria da Literatura e Semiótica (PUC-SP, 1976). Foi professor titular (UFPA), hoje voluntário do Programa de Pós-graduação em Arte (ICA-UFPA). Pesquisa os temas: Arte, Comunicação, Imaginário, Amazônia, Cultura, Cultura Amazônica, Magistério, Criação Literária, Poesia, Encantaria e Mito.

diria Malarmée. Sem chegada. Não encontra o seu objeto, pois ele está sempre, ainda que sob as mais claras luzes, disfarçado entre brumas, oculto entre silêncios. Desse modo, o refúgio de quem narra é mais o *seu* mundo, do que aquele que objeto da narração. Assim esse pranto mais uma relação com Dal, do que propriamente com Dalcídio Jurandir. Explico melhor: a verdadeira realidade do relato é a realidade surdida no ângulo da que narra. Portanto, o verdadeiro mundo que o *Pranto* revela é o mundo de Lindanor recebendo Dalcídio e o transfigurando em Dal. O Dal, personagem do desejo de Lindanor, que tem, no leito da linguagem, o ritual erótico proibido-reprimido de sua paixão.

E aqui que se coloca como perspectiva ideal para esse livro, no desvendamento crítico, a que advém da estética, psicanalítica. O *Pranto*, como estrutura literária, visto que não o encaramos como *memórias*, mas como devaneio, revela uma instigante relação incestuosa reprimida ao longo da vida e liberada, por sublimação, no leito da linguagem. Daí, porque, a escritora, inconscientemente, mas com perspicácia, com intuição, optou pelo ponto de fuga da fantasia para seu relato de cunho memorialista. A fantasia liga sonho à realidade, num livre jogo entre as mais profundas camadas do inconsciente, aos mais elevados produtos da ciência. Além disso, disse Freud que se reconhece uma profunda e dupla conexão entre instintos sexuais e fantasia. É nítido, na narrativa de Lindanor, que o princípio do prazer (entendido como oposição ao princípio traumático da realidade) domina o curso da narração. Entenda-se bem: há realidades declaradas no texto, há documentos alegres ou amargos da vida, mas o que estabelece a força dominante no relato é um certo prazer da narrativa. Lindanor – Sheerazade. Isto é: o relato como preservação da vida. Assim, como em *Mil e Uma Noites*, contar é suspender a morte. Lindanor, em vários momentos, lamenta o esquecimento-morte em que ele acredita relegado o admirável romancista paraense Dalcídio Jurandir. Narrá-lo será, portanto, mantê-lo vivo. Com isso, vai narrando as suas mil e uma noites de fantasia-vida com Dalcídio. E manifesta seu ódio à crítica literária, essa Clitemnestra que estaria concorrendo, por omissão, para a morte histórica do autor de *Belém do Grão-Pará*.

Quando falo da posição dominante da fantasia, não quero dizer que não haja, no livro, a estruturação do ego do prazer no ego da realidade, para mantermos a linha que estamos desenvolvendo. Pelo contrário. Há forte material informativo sobre aspectos e momentos da vida de Dalcídio. Flagrantes no Rio de Janeiro. Preciosos momentos das

visitas dele a Belém. Registro de escritores e situações da época. Tudo isso, no entanto, está envolvido pela moldura do imaginário, muitas vezes banhado pela ternura, como uma fotografia antiga guardada na gaveta do armário que nos dá uma súbita doçura de olhar. Assim, o *Pranto* de Lindanor, numa tensão entre o princípio do saber e o da realidade, sob a regência da fantasia, contém um forte grau de catarse. Ela recorda aquilo que ficou reprimido durante anos em sua emoção, em seu desejo, para reprimir de novo no literário, purificadamente.

Lindanor caminha, portanto, nessa estrada que foi no tempo, no eterno refazer a estrada do tempo foi que é a sua vida como escritora. Nesse percurso há uma dominante: mulher-narrativa. A narradora que, ao narrar, narra-se com o narrado. Narrar Dalcídio é a deflagração do auto-conhecimento de Lindanor, em que o retorno do reprimido (a relação intelectual de *Electra*), aflora na forma de escritura, ganhando o seu significado. No fundo, Lindanor procede como Ema Bovary: seu mundo é, na verdade, um romance de vidas.

Esta é uma das razões pelas quais prefiro considerar o *Pranto*, na perspectiva de ficção-memorialística, segundo o entrevisto nas intenções da autora. E, como tal, que o livro adquire o seu significado mais literário. E um interesse crítico mais justo.

Como ficção memorialista e não como *memórias* é o que o texto ganha o seu sentido mais essencial, permitindo o desencadeamento do prazer a que se propõe, a partir, a partir de fontes psíquicas profundas, ou seja, um prazer literário que advém do conhecimento de vivências passadas. Assim, a partir de uma forte experiência atual (a recordação, a saudade, o horror, ao esquecimento, a dívida com a celebração do autor) Lindanor sente o re-despertar de uma passada experiência pertencente à fase da vida que é a sua infância como escritora, e da qual derivou o desejo cuja satisfação realiza-se no texto. Assim, a sua narrativa como *poiesis*, transfunde e encarna tantos elementos de velhas lembranças. O prazer de si no outro.

O cruzamento entre experiências do passado com o presente percebemos desde o fragmento inicial do livro, quando o ato de escrever é questionado e a narradora-narratária se declara em luta com a escritura. É pena que o livro, como um todo, não mantenha o nível de elaboração textual dessa parte, em que Lindanor reflete o ato de escrever, dialoga com o leitor, conversa com o Dalcídio e trata a página como um fetiche, o indizível objeto de seu desejo. É ali que ela entremostra quem seria o leitor

ideal para aquelas páginas, o seu arquileitor: Dalcídio mesmo. Mas, ele está morto... E é de um lugar retórico de um café europeu (o lugar em que nunca ele esteve e que passa a estar com ela) que Lindanor, *munida de uma frase* arranca para o texto. a partir de então, constrói o *seu* Dalcídio. Não como o escultor que se enamora da estátua que fez. A relação é oposta. Aqui, ela tenta construir um monumento de palavras do ser por quem se apaixonou. Por isso, a ficção memorialística permitiria um Dalcídio que Lindanor viveu: numa atmosfera de sonho, fascínio, desejo. Então, o lugar retórico de onde ela escreve é o do *voyeur*, o terreço do café, seja de Skorprios, seja de Madrid, seja de Paris, por onde ela percorre levando a imagem venerada, como uma devota leva o crucificado, em via sacra de amor e punição. Verdadeiramente, Lindanor mostra o Dalcídio no ângulo do *voyeur* de quem olha a passagem de um ser especial, de quem olha a imagem num altar. Anão que tente mistificá-lo. Mas o sacraliza. Com isso, dá de Dalcídio a visão que o devoto oferece de um santo. Como o eixo dominante do texto é a mulher-narrativa, creio que isso não invalida sua visão, desde que entendida como ficção memorialista.

Inegavelmente, o fragmento inicial, revelando a luta estilística pelo tom exato da escritura é o que alcança o pique literário mais expressivo. A excitação entre a modalidade espontânea e psicologia da composição. O famoso pânico ante à página em branco. A busca do estranhamento pelo processo de distanciação no tempo e no espaço. A angústia de quem precisa falar de Dalcídio para chegar ao Dal. E vai bordejando o assunto. Como quem navega à vela. Como quem leva um viático.

Aliás, aqui se coloca uma interessante questão: se Dalcídio é escritor e homem público, o Dal é homem particular, o *pai-amigo-amante*. O seu oráculo. Por isso, toda a obra será uma transfiguração de Dalcídio em Dal. A celebração de um incesto. Nesse quadro articulam-se alguns personagens: Lindanor, Dalcídio-Dal, Rute e Durval-Val. Aparentemente personagens autônomos. A narrativa, no entanto os vai fundindo e, na fantasia provocada no leitor, acaba-se por ter: Dalcídio-Val ou Durval-Val ou Dal-Val e, finalmente, Dal-Vai-Pai; Lindanor-Rute. Na transfiguração de espaços, Val e Rute se perdem no único espaço que prevalece: o de Lindanor e Dal. Basta que se rastreie os *semas* que qualificam semiologicamente as personagens e os espaços para que isso se torne muito claro. Mas, a reprodução dessa rede sêmica não é objeto destas notas.

Outra questão que a tessitura metamórfica das personagens e situações revela é a relação de Electra. Dalcídio é como o pai. O pai literário. Ele fez Lindanor nascer como escritora e lhe deu orientação paternal. Ao mesmo tempo é a pessoa amada e desejada. Como quem restaura um santo de altar, em camadas sucessivas ela recobre a imagem desse ser amado, ora com as tintas de Val (o esposo, então) ora com as de seu Pai. Com isso, compõem as cores do homem de seu desejo: Dal! Como Electra rediviva, Lindanor Celina deseja restaurar a imagem de Dalcídio, contra os crimes dessa Clitemnestra que para ele tem sido a crítica literária, no seu corrosivo silêncio. E assim, vai construindo o seu mito pessoal do escritor. Curtindo seu encanto. Revendo a vida dela pelos olhos dele, que por ela é visto. Um jogo de espelhos paralelos. A curetagem de um remorso em que, na penúltima página ela associa o Dal e o Pai. Tudo, como diz a própria Lindanor: na forma de “*mais uma narrativa do nosso relacionamento que outra coisa*”.

PRANTO POR DALCÍDIO JURANDIR, de Lindanor Celina, Belém: SECDDET, Falângola, 1963.

*João de Jesus Paes Loureiro*